


NOTAS METODOLÓGICAS PARA UMA ANÁLISE DA SEMÂNTICA GLOBAL DE ENUNCIADOS JORNALÍSTICOS¹

METHODOLOGICAL NOTES FOR AN ANALYSIS ON THE GLOBAL SEMANTICS OF JOURNALISTIC UTTERANCES
NOTAS METODOLÓGICAS PARA UN ANÁLISIS DE LA SEMÁNTICA GLOBAL DE LOS ENUNCIADOS PERIODÍSTICOS

Nara Lya Cabral Scabin

Doutora e Mestre em Ciências da Comunicação e Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi.
naralyacabral@yahoo.com.br

 0000-0002-7121-1142

Correspondência: Universidade Anhembi Morumbi - Programa de Pós-graduação em Comunicação: Rua Doutor Almeida Lima, 1134 - CEP 03101-001 - São Paulo, Brasil.

Recebido em: 12.01.2023.

Aceito em: 16.03.2023.

Publicado em: 12.03.2023.

RESUMO:

Este artigo discute as possibilidades e potencialidades da transposição de conceitos da Análise do Discurso (AD), nomeadamente, a noção de “semântica global do discurso” de Dominique Maingueneau (2008), a *corpora* compostos por materiais jornalísticos. Para tanto, investiga a cobertura de jornais brasileiros sobre a o dia internacional da mulher entre 1978 a 2018. As reflexões apontam para a consolidação de características manifestas em diferentes planos dos enunciados jornalísticos sobre a condição da mulher, sugerindo certa estabilização recente nos modos de enunciar sobre o tema, e destacam a pertinência de proposições da AD Francesa a estudos do Jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Análise do Discurso; Semântica global; Condição feminina; Dia Internacional da Mulher.

Introdução

Na apresentação à edição brasileira de *Gênese dos discursos*, do linguista francês Dominique Maingueneau, Sírio Possenti afirma que o livro trabalha com conceitos fundadores da Análise do Discurso, ao mesmo tempo em que – por não discutir a natureza do sentido e de sua relação com a língua – propõe um enfoque *menos linguístico* ou *menos gramatical* do que os analistas do discurso em geral. Por um lado, Maingueneau está mais próximo de Foucault do que de Althusser ou Lacan, por exemplo; por outro, por entender que todo discurso é caracterizado por uma *semântica global*, debruça-se sobre o enunciado – entendido não como uma sentença ou oral, mas como a própria superfície textual (Possenti, 2008).

Gênese dos discursos deu forma a um modo de fazer análise do discurso que levou em conta ao mesmo tempo os ganhos do grupo que

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

trabalhou com Pêcheux (para cuja teoria a consideração dos fatores históricos que afetam o discurso é provavelmente o elemento principal) e acrescentou certos aspectos que afetam a discursividade para além da relação direta entre a língua e a história (Possenti, 2008, p. 9).

Como escreve o próprio Dominique Maingueneau no prefácio à edição brasileira de *Gênese dos discursos*:

Para mim, este livro é particularmente importante porque, pela primeira vez, me arrisquei em uma empreitada teórica e metodológica. O risco era maior pelo fato de que a obra se apoiava em um *corpus* que, então, era particularmente exótico para os analistas do discurso. Na França, no início dos anos 1980, a conjuntura era muito diferente da de hoje, e nada favorável à análise do discurso. A análise de textos era dominada pela semiótica; a linguística, pela gramática gerativa, e a Escola Francesa de Análise do Discurso estava em crise, minada pelo refluxo do marxismo e da psicanálise (Maingueneau, 2008, p. 12).

Embora não se trate de concepções incompatíveis ou antagônicas, a tomada que Maingueneau (2008) faz dos conceitos de *discurso* e *formação discursiva* possui especificidades em relação à proposta de Michel Foucault (2008, 2012). De fato, como destaca aquele autor, a noção de “discurso” comporta grande diversidade de acepções, assim como sua correlata “análise do discurso”. O modo como Maingueneau delimita tais conceitos, além disso, representa para nós um modo de “operacionalizar” construtos teóricos que, no pensamento foucaultiano, por vezes parecem demasiado abrangentes.

Seu objetivo declarado é distanciar-se tanto de uma visão que, ao analisar o funcionamento textual, privilegia as estruturas significantes quanto de abordagens que sacrificam a textualidade em prol de uma hermenêutica histórica e que, a fim de vislumbrar não-ditos que se busca interpretar, desmancham os enunciados. Maingueneau (2008) afirma, então, interessar-se em constituir um método de análise capaz de conciliar tanto historicidade e textualidade, já que os discursos constituem objetos ao mesmo tempo como “integralmente linguísticos e integralmente semióticos”:

As unidades do discurso constituem, com efeito, sistemas, sistemas significantes, enunciados, e, nesse sentido, têm a ver com uma semiótica textual; mas eles também têm a ver com a história que fornece a razão para as estruturas de sentido que elas manifestam (Maingueneau, 2008, p. 16).

Como destaca o autor, a enunciabilidade de um discurso – o fato de ser objeto de atos de enunciação produzidos por um conjunto de indivíduos – não constitui elemento acessório, mas “algo de radical, que condiciona toda a sua estrutura” (Maingueneau, 2008,

p. 16). Por isso, para ele, é preciso articular em um mesmo gesto analítico o exame dos enunciados e da enunciação, texto e contexto, de modo que não se apartem – e nem mesmo se distingam – as condições de produção de um dado discurso e sua inscrição histórico-social de sua composição textual, das escolhas lexicais à sintaxe e às regras de coesão.

Neste artigo, discutimos as possibilidades de transposição da abordagem desenvolvida por Maingueneau (2008) – proposta, em *Gênese dos discursos*, para um *corpus* formado por discursos do campo religioso – para a análise de matérias jornalísticas. Destacamos, em especial, as proposições do autor a respeito da noção de “semântica global” do discurso. Para tanto, procuramos mesclar reflexões de caráter metodológico à análise da cobertura jornalística da imprensa brasileira de referência² sobre o dia internacional da mulher, entre 1978 e 2018, período que abrange do fim da censura prévia à imprensa no contexto da ditadura-militar às configurações políticas do país na contemporaneidade, passando pelo contexto de redemocratização e da Nova República. Mais especificamente, elegemos como universo de investigação três dos principais jornais de referência brasileiros: *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *O Estado de S. Paulo*.

A partir da cobertura especificamente dos acontecimentos e discussões do 8 de março, buscamos verificar como se dá a conformação dos enunciados sobre questões relacionadas ao debate sobre a condição da mulher no Brasil. Nossa hipótese é a de que, em um vasto período como o intervalo observado nesta pesquisa, poderia ser possível observar mudanças e permanências no modo de enunciar sobre o tema que estivessem além do plano do conteúdo e desdobrem-se sobre diferentes planos discursivos. Para Maingueneau (2008), a existência de regras de enunciação manifestas nas diversas dimensões do discurso remete ao sistema de restrições de uma formação discursiva. Com base nessas indagações e pressupostos, verificamos, em relação à cobertura da imprensa brasileira sobre o dia internacional da mulher, que os últimos anos são marcados por certa estabilização nas formas de enunciar sobre a condição da mulher nesses veículos, o que sugere a emergência de uma formação discursiva no campo jornalístico, cuja origem parece se dar em face do atravessamento da própria imprensa por discursos feministas

² Segundo pesquisa de Angela Zamin (2014), embora não se trate de elementos consensuais, há características gerais que costumam ser associadas ao jornalismo de referência por pesquisadores que se debruçam sobre o tema, tais como: gozar de prestígio e tradição; voltar-se para a economia, assuntos internacionais e política, com ênfase nesta última; pressupor, como público, leitores competentes do mundo público; possuir índices elevados de tiragem e circulação; e conceder importância e espaço significativos para artigos opinativos (Zamin, 2014).

altamente visibilizados na cultura midiática, em especial, aqueles do chamado “feminismo difuso” (Pinto, 2003).

De conceitos-chave da AD Francesa ao Jornalismo

Buscamos, neste artigo, dialogar com o programa defendido por Maingueneau (2008): superar a dicotomia entre profundidade e superfície dos discursos, mais do que propor pontos entre um nível e outro. É preciso, para isso, distinguir entre alguns conceitos fundamentais: *formação discursiva*, *superfície discursiva* e *discurso*. Para o autor, a formação discursiva corresponde a um “sistema de restrições de boa formação semântica” e opõe-se à superfície discursiva, que diz respeito ao “conjunto de enunciados produzidos de acordo com esse sistema”, isto é, o sistema de restrições da formação discursiva (Maingueneau, 2008, p. 20).

Como o próprio Maingueneau destaca, é possível traçar uma analogia entre seu conceito de superfície discursiva e a noção de “discurso” em Foucault, que, como se sabe, compreende um conjunto de enunciados decorrentes de uma mesma formação discursiva. Maingueneau, por sua vez, utilizará o termo “discurso” em referência à relação que os conceitos de “formação discursiva” e “superfície discursiva”, aproximando-se do uso coloquial que fazemos da palavra “discurso”. Em outros termos, trata-se do conjunto virtual de enunciados que podem ser produzidos a partir das restrições de uma formação discursiva dada.

Embora possa parecer, à primeira vista, um pormenor pouco relevante, a distinção verificada na tomada que Maingueneau faz do conceito de discurso em relação à proposta foucaultiana é indicativa de um aspecto fundamental da análise discursiva empreendida pelo autor. Para ele, o analista do discurso deve considerar, na constituição de seus *corpora*, não apenas do que de fato *foi dito*, mas também o que *pode ser dito* a partir da análise de uma formação discursiva, em seus aspectos semânticos próprios.

Se o jogo das restrições que definem a “língua”, a de Saussure e dos linguistas, supõe que não se pode dizer tudo, o discurso, em outro nível, supõe que, no interior de um idioma particular, para uma sociedade, para um lugar, um momento definidos, só uma parte do dizível é acessível, que esse dizível constitui um sistema e delimita uma identidade (Maingueneau, 2008, p. 16).

A partir de sua concepção particular das formações discursivas, Maingueneau formula o conceito de *competência discursiva*, que visa a integrar a dimensão histórica a uma noção cognitiva e discute o papel do sujeito nos fenômenos discursivos. A partir desse conceito, reforça-se a possibilidade de se analisar o que *pode ser dito*, e não apenas

do que de fato *foi dito*, a partir da análise de uma formação discursiva, em seus aspectos semânticos próprios. O autor, nesse sentido, defende a hipótese de que os discursos são inscritos sócio-historicamente, inscrição essa que passa pelo sistema de restrições semânticas de cada formação discursiva.

Por isso, o foco principal do analista do discurso, para Maingueneau, deve ser a compreensão da *semântica global* de um discurso, cuja determinação advém das restrições da formação discursiva à qual se vincula cada discurso. Nas palavras do autor,

Um procedimento que se funda sobre uma semântica “global” não apreende o discurso privilegiando esse ou aquele dentre seus “planos”, mas integrando-os todos ao mesmo tempo, tanto na ordem do enunciado quanto na da enunciação (Maingueneau, 2008, p. 75).

A partir do desenho geral de sua semântica global, Maingueneau (2008) propõe, como caminho à análise discursiva, a identificação do que denomina como *isomorfismo* (Maingueneau, 2005). A partir das investigações traçadas pelo autor, tomamos a análise dos isomorfismos como meio para se compreender como e por que determinados discursos se tornam dominantes em determinado momento histórico. Nesse sentido, é preciso que olhemos as produções discursivas sem excluir-lhes as ligações sócio-históricas, mas também sem anular as singularidades de cada tipo de estrutura textual, ou seja, sem que se focalize apenas seu conteúdo ideológico.

Com base em tal conceituação de discurso, Maingueneau formula sua hipótese sobre o *primado do interdiscurso*: a heterogeneidade, para o autor, é constitutiva do discurso e vincula, de modo inseparável, o Mesmo do discurso e seu Outro. Nessa perspectiva, os discursos não nascem de maneira independente e não se trata de serem postos por circunstâncias variáveis posteriormente em relação; ao contrário, os discursos já nascem em relação.

Embora as considerações de Maingueneau (2008) sejam pertinentes ao estudo de qualquer enunciado verbal, algumas especificidades devem ser apontadas no caso do jornalismo. Assim, se invocamos as palavras de do autor, é porque buscamos compreender como se constituem enunciados jornalísticos segundo a concepção de um *sistema de restrições semânticas globais*. Por outro lado, no caso da análise de discursos do Jornalismo, à semelhança de Foucault (2012), partimos da análise das *coisas ditas*, dos enunciados efetivamente formulados como objeto de estudo, dada a natureza de nossos *corpora*.

Do diálogo entre os dois autores, buscamos traçar um percurso analítico capaz de dar conta tanto de rupturas quanto de invariâncias discursivas – e, em particular,

esperamos identificar as rupturas como *meio* para a descrição mais efetiva de invariâncias. Em outros termos, só é possível identificar regularidades, em nosso horizonte de pesquisa, se houver também a possibilidade de identificar as áreas limítrofes dos discursos, sua delimitação recíproca, alteridade como fator de identidade.

Nesse sentido, é importante lembrar que, entendido como “campo discursivo”, o jornalismo é conformado por disputas específicas por legitimidade e capital no campo, que se vinculam a padrões enunciativos mais ou menos disseminados nos seus limites (a questão da objetividade, do pluralismo, da separação entre informação e opinião etc.). Dessa forma, um modo de concretização de interdiscursividade no campo diz respeito à interação inevitável com os “discursos constituintes” (Maingueneau, 2010) do Jornalismo, aqueles que fixam seus pilares e valores e possuem o poder de regular todos os demais.

Além disso, um segundo grau de interdiscursividade no campo diz respeito ao atravessamento das práticas jornalísticas, imersas que estão na tarefa de mediar discursos da atualidade, por discursos provenientes de diferentes campos (político, econômico, científico, cultural etc.). É possível falar em interdiscursividades que se manifestam enquanto “intradiscursividade” e “transdiscursividade”.

Ao mesmo tempo, é apontar pensar as especificidades com que os planos discursivos descritos por Maingueneau (2008) enquanto componentes da semântica global devem ser pensados no caso do jornalismo. Isso porque, diferentemente de outros campos (como o religioso, por exemplo), o campo jornalístico possui diretrizes relativamente disseminadas e instituídas pelos próprios discursos constituintes; é o caso, por exemplo, dos modos de coesão e da dêixis enunciativa (inscrição espaço-temporal do enunciador no enunciador).

Considerando essas particularidades, uma proposta concisa e produtiva de sistematização dos planos discursivos que devem ser considerados em uma análise voltada ao exame da semântica global de enunciados jornalísticos, passível de ser empregada como ferramenta analítica de identificação da conformação de diferentes formações discursivas no campo discursivo jornalístico, poderia ser assim formulada:

- Enquadramentos temáticos. Para Maingueneau (2008, p. 82), “o importante não é o tema, mas seu tratamento semântico”. Diferentes tratamentos semânticos podem referir-se a diferentes sistemas de restrição, indicativos do atravessamento dos enunciados jornalísticos por formações discursivas diversas. Um primeiro procedimento em função do qual os enquadramentos temáticos podem ser analisados em enunciados jornalísticos diz respeito à identificação das editoriais ou cadernos em que determinados temas são abordados.

- Marcas de intertextualidade. Segundo Maingueneau (2008), a intertextualidade interna diz respeito à recuperação de discursos no interior do campo discursivo, enquanto a intertextualidade externa diz respeito ao estabelecimento de relações com outros campos; em ambos os casos, intervêm os sistemas de restrições próprios de cada formação discursiva. No caso de nosso objeto de estudo, as duas formas de intertextualidade nos interessam: tanto a intertextualidade interna, dada pela citação de textos fundadores do ideário do jornalismo, quanto a intertextualidade externa, dada pela referência a discursos provenientes de diferentes campos sociais, os quais frequentemente produzem interdições uns sobre os outros.
- Representações sociais. Neste plano de análise, interessam-nos tanto o vocabulário apresentado nos enunciados jornalísticos como forma de representar grupos ou agentes sociais em foco – como assinala Maingueneau (2008), as palavras possuem interesse para a análise discursiva quando, em sua reiteração, representam pontos de cristalização semântica de discursos –, quanto as imagens construídas/invocadas por meio da linguagem como forma de representação desses grupos.
- Modos de incorporação do discurso alheio relatado. Correlatos do que Maingueneau (2008) denomina como “modo de coesão” de um discurso, os modos de incorporação do discurso alheio relatado dizem respeito às formas por meio das quais os enunciados jornalísticos constroem suas redes de remissões internas; dito de outro modo, interessam-nos compreender os modos por meio dos quais se constroem, nas matérias jornalísticas, o *encadeamento* e o *recorte* discursivos. Assim, torna-se possível compreender a quais vozes os jornais analisados concedem visibilidade e que tipo de visibilidade lhes é concedida.

Procedimentos metodológicos: o dia internacional da mulher na imprensa

Sustentamos que a análise de mudanças em termos de competências discursivas ou sistemas de restrição bem como da emergência de formações discursivas no campo jornalístico deve se basear na construção de enunciados ao longo de períodos temporais vastos o bastante para que regularidades e rupturas apareçam aos olhos do analista. Não obstante, recortes em termos da quantidade de material analisado, sem prejuízo da cobertura temporal da amostra, podem ser realizados de modo a viabilizar as análises.

No caso da análise da cobertura sobre a condição feminina a propósito do dia internacional da mulher, objeto empírico examinado nesta pesquisa, optamos por concentrar nosso levantamento apenas nas capas dos jornais. Esse recorte não constitui uma escolha aleatória, já que as primeiras páginas de veículos jornalísticos constituem

dispositivo de visibilidade e concretizam o que o jornal considera de mais relevante de acordo com sua linha editorial. Ainda assim, teríamos aproximadamente 43.800 capas publicadas, pelos três jornais pesquisados, entre 1978 e 2018 – número demasiadamente extenso para as dimensões de uma pesquisa, sobretudo de um artigo.

Por isso, selecionamos, como universo de investigação, as capas de cada um dos jornais em foco publicadas em um mês a cada um dos quarenta anos em foco, intercaladamente, começando por dezembro de 1978. Entendemos que esse recorte não prejudica o levantamento dos dados empíricos para a composição do *corpus*, já que, em Análise do Discurso, os enunciados considerados individualmente não são uma unidade pertinente de estudo: em lugar disso, eles devem ser tomados em suas reiteraões; ao mesmo tempo, nenhum enunciado é completamente original.

Neste artigo, apresentamos um exercício metodológico traçado a partir de matérias a propósito do dia internacional da mulher publicadas pelos jornais *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo* em 8 de março de 1981, 8 de março de 2005 e em 8 de março de 2017. Segundo o critério de amostragem que considerou, para a constituição do *corpus* de pesquisa, meses alternados ao longo do período de observação, conforme enunciado anteriormente, o mês de março foi objeto de atenção por quatro vezes ao longo do período de observação: em 1981, 1993, 2005 e 2017.

Por meio da observação das capas dos jornais publicadas no dia 8 de março destes quatro anos, pudemos localizar referências ao dia internacional da mulher. Em 1981, encontramos apenas uma única chamada, na capa da *Folha*, para uma edição comemorativa do caderno *Folhetim*; em 1993, não localizamos qualquer referência nas capas dos três jornais; em 2005 e em 2017, os três veículos publicaram, em suas primeiras páginas, chamadas para matérias ou cadernos especiais que tinham como gancho o dia 8 de março. É interessante observar que esse dado, o da maior presença em 2005 e 2017 de referências ao dia internacional da mulher nas capas dos jornais, é indicativo, por si só, do aumento da visibilidade concedida pelos veículos jornalísticos em foco à cobertura do tema.

A escolha das referidas matérias sobre o dia internacional da mulher como objeto do esboço analítico que aqui apresentamos justifica-se pela necessidade de recortar, dentre o material que compõe o *corpus* de pesquisa, um conjunto pontual de textos, que permita o desenvolvimento de reflexões sobre as três publicações jornalísticas em questão. Ao mesmo tempo, a partir dos textos selecionados, centramos nossos esforços em um conjunto de enunciados que se organizam em torno de uma temática em comum.

Análise de enunciados jornalísticos: exame de diferentes planos discursivos

a) Enquadramentos temáticos

A forma mais evidente de mapear os enquadramentos temáticos operados em matérias jornalísticas sobre o tema em foco – a saber, a condição feminina tratada a partir do dia internacional da mulher – diz respeito à observação das editoriais em que foram publicadas as matérias em análise. Excetuando-se os especiais publicados pela *Folha* em 1981 e 2005, os demais textos levantados distribuem-se entre em cadernos que abordam assuntos cotidianos – caso, sobretudo, das matérias que focalizam a violência contra a mulher – e comportamento e/ou cultura – caso de matérias que apresentam dados sobre a escolaridade feminina e a presença de mulheres no mercado de trabalho, por exemplo. Cabe ainda observar, em relação à amostra considerada neste artigo, que apenas um texto foi localizado em um caderno de política: trata-se da notícia *Crítica feminina é igual na direita e na esquerda*, publicada pela *Folha* em 8 de março de 2017, sobre as dificuldades enfrentadas por candidatas a cargos políticos em seus diferentes partidos.

Também o especial publicado pela *Folha* em 2005 reforça a tendência aqui observada: embora o suplemento não siga a divisão entre editoriais típica do restante do jornal, as matérias constroem-se a partir de enfoques recorrentes em cadernos de comportamento, cultura e cotidiano. Vale observar ainda que, mesmo quando um assunto relacionado a economia é abordado, seu enquadramento se dá por meio da lógica do *consumo* ou da formação acadêmica e qualificação das mulheres, da dificuldade em conciliar trabalho e cuidado com os filhos etc. – enfoques mais comuns não em editoriais de política ou economia, mas sim, em cadernos de comportamento, cultura ou cotidiano. Abordagens que priorizem dimensões macroeconômicas ou de economia política não estão presentes no especial da *Folha*.

Por fim, em relação aos enquadramentos temáticos, é possível elencar os *assuntos* mais recorrentes nas matérias aqui focalizadas e que representam o modo como questões de gênero são trabalhadas nos textos em questão. É possível, nesse sentido, identificar os seguintes eixos temáticos: trabalho/consumo; formação/educação; cuidado com os filhos e a família; violência/assédio.

A observação dos eixos temáticos acima listados aponta, em primeiro lugar, para uma presença constante na cobertura de um assunto que poderia ser sintetizado por meio de uma ambiguidade indissolúvel: a mulher dividida entre a vida pessoal e a vida profissional, o espaço doméstico e o espaço público, como veremos também a propósito das representações sociais na cobertura. É interessante notar que, mesmo quando apresentam a mulher conquistando espaços na vida pública, os jornais enquadram tais

conquistas sem deixar de colocá-las em relação com a vida doméstica. Esse tipo de enquadramento comparece em matérias que abordam questões profissionais, de mercado de trabalho e, também, do eixo formação/educação.

A temática da violência/assédio mostra-se mais distante desse tipo de enquadramento. Ainda assim, parece-nos sintomático que, nas matérias em que tratam dessa questão, seja muito rara a referência a políticas públicas de enfrentamento da violência de gênero: mais uma vez, parece haver aí um enquadramento temático marcado por uma despolitização da abordagem.

b) Representações sociais

Com base nos enquadramentos temáticos e nas marcas de intertextualidade presentes nos textos (conforme veremos a seguir), as representações construídas sobre mulheres nas matérias em foco reiteram uma ambiguidade indissolúvel: a mulher dividida entre o mercado de trabalho e a dedicação à vida familiar. Mesmo em matérias que enfatizam a presença da mulher em áreas profissionais diversas, são recorrentes as referências à dificuldade enfrentada pelas profissionais em conciliarem vida doméstica e trabalho.

Outra representação constantemente reiterada nos textos focaliza a mulher a partir de um *ethos* ao mesmo tempo de consumo e inclinação para a vida corporativa: a mulher que supera as dificuldades impostas por sua condição de gênero é a que prospera nos negócios e/ou carreira e, ao mesmo tempo, é uma consumidora consciente e bem informada. Essas representações reforçam-se também quando consideramos o vocabulário mobilizado pelos jornais: *carreira, trabalho, maternidade, educação, finanças, filhos* são palavras-chave recorrentes ao longo dos textos.

Como se vê, a representação da mulher nas matérias ancora-se, predominantemente, em iniciativas individuais e aspectos da vida privada; são raras as referências a políticas públicas para mulheres e à participação das mulheres na política. Mesmo os textos que se fundamentam em dados a propósito da desigualdade salarial entre homens e mulheres, por exemplo, quando recorrem à incorporação de vozes de fontes especializadas, fazem-no com a finalidade de incorporar comentários acerca dos *diagnósticos*, e raramente como forma de apontar *prognósticos*, os quais poderiam passar pela cobrança de medidas por parte do poder público ou pela articulação de esferas coletivas de ação.

É interessante observar, nesse sentido, que as matérias que procuram reforçar a presença feminina no mercado de trabalho ou questionar a desigualdade salarial entre homens e mulheres, por meio de dados ou da recorrência a especialistas, têm como

pressuposto o questionamento de uma representação arraigada no imaginário social acerca da mulher enquanto restrita à vida doméstica. Não se pode desconsiderar que a contestação dessa representação tradicional acerca do feminino coloque-se sobretudo para a mulher das classes média e alta, para quem se coloca a possibilidade de escolha entre trabalhar fora ou cuidar da casa e da família; para as mulheres de classes baixas, ofertar sua força de trabalho em troca de salário não se coloca como opção, mas como necessidade. Em outros termos, uma dimensão da diferença ligada à classe social está fora da discussão proposta pelos jornais a respeito da condição feminina – ou melhor, ainda que a condição de classe não se explicita ao longo dos textos, eles pressupõem leitoras de classe média ou alta, em consonância com o contrato de comunicação construído pelas publicações. Além disso, as mulheres representadas são mulheres não-racializadas e pautadas por valores heterocentros.

Vale ainda observar que, ao mesmo tempo em que procuram valorar positivamente a presença da mulher em espaços públicos, as matérias reiteram a dicotomia *público versus privado* e tampouco questionam ou distanciam-se da do binarismo *homem versus mulher*, questão central ao campo dos Estudos de Gênero, por exemplo.

c) Marcas de intertextualidade e presença de voz alheia relatada

As marcas de interdiscursividade presentes nos textos analisados devem-se, sobretudo, à referência a pesquisas promovidas por institutos independentes e órgãos governamentais, a exemplo dos dados apurados pelo Ministério da Educação, pela Secretaria Especial de Políticas para as mulheres e pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais a respeito das diferenças em termos de formação educacional entre homens e mulheres, conforme a reportagem publicada por *O Estado de S. Paulo* em 8 de março de 2005. Também se destacam as referências a dados coletados pelo Instituto Brasileiro Geográfico e Estatístico (IBGE) e pela própria *Folha*, por meio do Datafolha.

Essas vozes estão presentes sobretudo nas edições mais recentes dos jornais, de 2005 e 2017, e os especialistas que falam em nome dos órgãos de pesquisa consultados têm suas falas apresentadas como falas detentoras de autoridade, preservadas entre aspas, em discurso direto. Observe-se ainda que de maneira recorrente a publicação de pesquisas pelos órgãos ouvidos é, em si, objeto principal das notícias: é o caso da matéria *Cresce total de doutoras e mestras*, do *Estado* de 8 de março de 2005, e do especial *O que elas querem?*, da *Folha* de 8 de março de 2005.

Cabe determo-nos de modo mais detalhado em relação a esse especial da *Folha*. O suplemento é dividido em pequenas seções: *Sociedade: participação*; *Sociedade: consumo e finanças*; *Trabalho: carreira e educação*; *Vida pessoal: saúde e cultura*; *Família:*

desestruturação; Família: educação dos filhos. As matérias citam dados apurados por institutos de pesquisas mesclados aos pareceres de especialistas ligados a universidades, personalidades iminentes do mundo corporativo e personagens ordinários que emprestam suas vozes à ilustração das matérias. Tanto especialistas quanto personagens comuns têm seu discurso transposto, na maioria das vezes, em discurso direto: no caso dos especialistas, o recurso às aspas introduz citações que ordenam o caos dos dados e números presentes nos textos; no caso dos personagens comuns, as aspas operam como índices de realidade.

Vale observar, porém, que não comparecem no especial vozes de militantes e representantes de movimentos sociais, à exceção de um único caso: na matéria *Representação aumenta à sombra do machismo*, que integra a seção *Sociedade: participação* do especial, há uma referência vaga a grupos feministas, sem, porém, conferir-lhes voz: “[...] Entidade feministas são unânimes em afirmar que houve conquistas, mas continuam mobilizadas na luta por igualdade [...] Capitaneadas pelo Cfemea (Centro Feminista de Estudos e Assessoria), esses movimentos criaram uma comissão de análise do Orçamento da União para acompanhar os gastos com políticas específicas para as mulheres”. Essa tendência de dar visibilidade a pautas debatidas e propostas por movimentos sociais sem dar voz a seus representantes ou citá-los de maneira imprecisa mostra-se recorrente nas demais publicações do *Estadão* e *Globo* dos anos 2005 e 2017.

Encontram-se exceções a essa tendência na matéria *1 em cada 3 brasileiras diz ter sido vítima de violência*, publicada pela *Folha* em 8 de março de 2017. Embora o texto se baseie no resultado de uma pesquisa realizada pelo Datafolha e encomendada pelo Fórum Brasileiro de Segurança e conceda espaço privilegiado à fala de especialistas, ele apresenta também, em discurso direto, as falas de Juliana Gonçalves, organizadora da Marcha das Mulheres Negras em São Paulo, e Djamila Ribeiro, filósofa e militante negra. É interesse observar o papel cumprido por esse expediente na matéria: escrito por Fernanda Mena, uma repórter branca, o texto parece fundamentar-se no princípio do *lugar de fala* – tema colocado em pauta por movimentos sociais em defesa de minorias e políticas de identidade – ao recorrer à voz de militantes negras para comentar os dados apurados pela pesquisa que se referem às formas de violência sofridas por mulheres negras.

Vale destacar também a matéria intitulada *Fieis aceitam aborto e preservativo*, publicada em 8 de março de 2005 pelo *Estadão*. Aqui, mais uma vez vemos a ancoragem do texto em dados estatísticos: a notícia apresenta os resultados de uma pesquisa feita pelo Ibope por encomenda da ONG Católicas pelo Direito de Decidir. Ao mesmo tempo,

porém, a matéria dá voz a uma entidade não governamental que se coloca em defesa de direitos das mulheres, inclusive o direito ao aborto, sob uma perspectiva católica. Ao longo do texto, encontram-se transcrições em discurso direto de declarações da representante da ONG, Dulce Xavier, e de uma dona de casa que opina em concordância com os dados apurados pela pesquisa.

Embora o texto confira voz a mulheres engajadas no debate sobre o aborto, é preciso observar que essas vozes aparecem no texto na medida em que reforçam os dados apurados em pesquisa, estes sim apresentados como índices fortes de realidade. Além disso, ao final da matéria, aparece, também em discurso direto, uma declaração de Dom Estevão Bettencourt, professor de Teologia e diretor da Faculdade de Filosofia da Arquidiocese do Rio, questionando as opiniões defendidas pelas demais entrevistadas. Apresentada como de um *especialista*, e não de um *religioso*, a voz de Bettencourt goza de maior prestígio na construção da matéria em relação às demais declarações, representadas como ligadas ao *senso comum*.

Tais tendências observadas nas matérias mais recentes de nosso recorte destoam do que se verifica no especial publicado pela *Folha* em 1981: no suplemento, praticamente todos os textos são assinados por mulheres, referenciadas como militantes, ligadas a movimentos sociais e coletivos feministas diversos, embora muitas cumpram também o papel de especialistas ligadas à academia. Em geral, o conteúdo do suplemento é de caráter opinativo e propõe o levantamento de questões mais diversificadas se comparadas com aquelas presentes nas publicações de anos mais recentes: são discutidas de modo mais crítico temáticas como aborto, homossexualidade, casamento etc.

Considerações finais

Ao final do percurso deste artigo, cabe observar alguns aspectos marcantes das capas em que foram publicadas as chamadas para as matérias jornalísticas analisadas, os quais parecem reforçar e amarrar as observações traçadas a partir do exame dos diversos planos discursivos dos discursos jornalísticos focalizados.

Na capa da *Folha de S. Paulo* de 8 de março de 1981, por exemplo, a chamada para uma edição especial do caderno *Folhetim* em comemoração ao dia internacional da mulher encontra-se encabeçando um box localizado na primeira coluna à esquerda da página em que se apresentam os destaques da edição. O título *A mulher*, acompanhado pela miniatura da ilustração que se encontra na capa do especial, introduz a breve chamada que destaca os desafios vivenciados pela mulher no mercado de trabalho e “as redefinições do casamento e da maternidade”.

Na capa de *O Estado de S. Paulo* de 8 de março de 2005, logo abaixo do cabeçalho e na última coluna da direita, uma vinheta intitulada *Dia internacional da mulher* abriga as chamadas *Brasil tem mais mestras e doutoras* e *Católicos aceitam aborto e camisinha*; um pouco mais abaixo, a chamada *Homem é ciência; mulher é arte* destaca a coluna de Arnaldo Jabor para o dia 8 de março. Todas as chamadas, embora estejam alocadas na porção superior da página, recebem destaque inferior do que matérias dos cadernos do Primeiro Caderno associadas a temas políticos convencionais: o arquivamento, pelo STF, do caso Lula-FHC e a renúncia do então presidente boliviano, Carlos Mesa.

Na capa de *O Globo* de 8 de março de 2005, encontra-se, na última coluna da direita e quase no pé da página, a chamada *Mulheres já são maioria em mestrado em doutorado*. À diferença da capa do *Estadão*, não há aqui vinheta relacionando a manchete ao dia internacional da mulher. A chamada, que também não possui imagem, recebe ênfase menor na capa do que matérias do cotidiano da cidade e violência, tais como *Leblon, entre o público e o privado* e *Cariocas ajudam a proteger turistas*, e notícias consideradas de economia e política tradicionais – *Descontos de até 70% acirram guerra por passageiros de avião* e *Bolívia: Mercosul pressiona por uma solução democrática*.

Na capa da *Folha* de 8 de março de 2005, observa-se tendência parecida com aquela verificada nos outros dois jornais: a chamada para o caderno especial sobre o dia internacional da mulher recebe destaque menor do que notícias de política nacional – *STF rejeita pedido do PSDB para acionar Lula*, política internacional e cotidiano. A chamada *Caderno avalia mulher no país* encontra-se em um box colorido situado nas duas primeiras colunas à esquerda da página, localizado da metade para baixo da capa. No breve texto localizado no box, enfatizam-se aspectos da colocação da mulher no mercado de trabalho, formação, desigualdade salarial entre homens e mulheres e comportamento na internet. Composições similares estão presentes também nas capas do *Estadão*, do *Globo* e da *Folha* de 8 de março de 2017.

A partir de tais observações, destacam-se dois aspectos principais: em primeiro lugar, o fato de as chamadas para as matérias relacionadas ao dia internacional da mulher receberem, em geral, menos destaque na composição das páginas do que notícias tradicionais de política e economia; em segundo lugar, e mais importante, o fato de essas chamadas estarem circunscritas a um espaço editorial bem delimitado e apartado do restante da cobertura, seja por meio de sua abordagem em cadernos especiais, seja por meio de sua apresentação gráfica por meio de recursos como box e traços. Essas linhas divisórias parecem traduzir-se no modo como os jornais abordam a condição feminina em datas como o dia internacional da mulher: por meio de uma visibilidade negociada.

O caráter negociado dessa visibilidade manifesta-se também na forma como os enunciados estruturam-se, como o exame de seus diversos planos discursivos procurou mostrar. O que as reflexões aqui apresentadas sugerem é que, à medida que os anos avançam e a discussão sobre gênero alcança maior projeção pública, a visibilidade conferida pelos jornais aqui analisados a esses debates de fato se amplia. Ao mesmo tempo, não obstante, a maior visibilidade concedida a essas discussões parece ser acompanhada por uma interdição do discurso político por discursos oriundos de diferentes campos sociais. Em especial, é possível destacar uma interdição do campo político operada por discursos provenientes do campo científico – o que é evidenciado pela presença crescente de especialistas consultados pelos jornais, em detrimento de militantes, representantes de movimentos sociais etc. – e, sobretudo do campo econômico – o que é evidenciado por uma “economicização” e até mesmo uma “neoliberalização” das pautas sobre o dia internacional da mulher.

Essa hierarquia no modo como vozes provenientes de diferentes campos atravessam e são autorizadas no campo discursivo jornalístico impactam a forma como os enunciados se constituem. Considerando sobretudo a cobertura dos últimos anos, é possível considerar a emergência de uma formação discursiva, que se torna evidente sobretudo na última década, que simultaneamente amplia e restringe (como é da natureza da formação discursiva) a abordagem da condição feminina nos jornais.

Se, por um lado, essa formação discursiva parece ser influenciada por uma maior visibilização e difusão das pautas de um feminismo midiático, por outro lado, ela parece incorporar modos de restrição característicos de discursos econômicos de vertente neoliberal: o foco no indivíduo, nas trajetórias de superação, no empreendedorismo (de si e de tudo), em narrativas de empoderamento, no sucesso financeiro/material etc. Esse apontamento remete a uma importante modulação da perspectiva teórica de Maingueneau (2008) quando transposta ao campo jornalístico: ao mesmo tempo em que os achados indicam a conformação de uma formação discursiva a partir da interação entre diferentes discursos (ou seja, a partir da interdiscursividade), como defende o autor, a natureza desse encontro parece extrapolar a de uma relação polêmica (como apontado em *Gênese dos discursos* a respeito da interação entre discursos do campo religioso), assumindo a forma de uma negociação mediada com discursos prioritários, de potencial interditor.

Em suma, no Jornalismo, a gênese discursiva situa-se em uma complexa malha interdiscursiva, cuja natureza das interações deve ser descrita em função da especificidade da materialidade empírica analisada.

Referências

- Foucault, M. (2008). *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola.
- Foucault, M. (2012). *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Maingueneau, D. (2008). *Gênese dos Discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- Pinto, C. R. J. (2003). *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.
- Possenti, S. (2008). Apresentação. In Maingueneau, D., *Gênese dos discursos* (pp. 7-9). São Paulo: Parábola Editorial.
- Zamin, A. (2014). Jornalismo de referência: o conceito por trás da expressão. *Famecos*, 21(3), 918-142.

ABSTRACT:

This article discusses the possibilities and potentiality of applying concepts from Discourse Analysis (DA), namely, the notion of "global semantics of discourse" by Dominique Maingueneau (2008), to *corpora* of journalistic texts. As such, it investigates the coverage of International Women's Day from 1978 to 2018 by Brazilian newspapers. The insight shows the consolidation of characteristics that appear in different fields of journalistic utterances regarding the condition of women, suggesting a certain recent stabilization in this theme's coverage, as well as highlighting the relevance of French DA propositions for the purpose of Journalistic studies.

KEYWORDS: Journalism; Discourse Analysis; Global semantics; Female condition; International Women's Day.

RESUMEN:

Este artículo discute las posibilidades y potencialidades de transposición de conceptos del Análisis del Discurso (AD), es decir, la noción de "semántica global del discurso" de Dominique Maingueneau (2008), a *corpora* compuestos por textos periodísticos. Para ello, investiga la cobertura de los periódicos brasileños sobre el Día Internacional de la Mujer entre 1978 y 2018. Las reflexiones apuntan a la consolidación de características que se despliegan en diferentes planos de los enunciados periodísticos sobre la condición de la mujer, lo que sugiere cierta estabilización reciente en las formas de enunciar sobre el tema, así como destacan la relevancia de las propuestas del AD Francesa para los estudios de Periodismo.

PALABRAS CLAVE: Periodismo; Análisis del Discurso; Semántica global; Condición Femenina; Día Internacional de la Mujer.